

GT71: Retomadas e autodemarcações de terras indígenas: processos de luta, memória e ritual

Jurema Machado, Daniela Alarcon

Na acepção guarani kaiowá, jeike jey significa entrar, ocupar, enfrentar, afrontar; trata-se da designação utilizada por esse povo para classificar seus processos de recuperação territorial (Benites, 2014). Assim como os Guarani Kaiowá, indígenas de todo o país têm levado a cabo intrincadas estratégias de luta pela terra. A proposta deste GT é reunir trabalhos que discutam retomadas de terras e autodemarcações como ações de enfrentamento ao esbulho. A partir de nossas pesquisas e de trabalhos de outros antropólogos, observamos como esses processos se revestem de complexidades que ultrapassam análises instrumentais, que veem na ocupação do território o fim último. As mobilizações para recuperação territorial engendram o retorno de pessoas e encantados, articulações entre famílias extensas, complexos rituais, reavivamento de memórias e novos arranjos na organização social. A maneira como os povos têm refletido sobre seus processos históricos e cosmológicos também está pautada na luta pela terra. Assim, delineia-se um novo desafio para a antropologia: como pensar a conceituação desses processos sem deixar de considerar as particularidades de cada contexto? Acreditamos que a boa descrição etnográfica é o caminho mais potente para a não homogeneização e, por isso, priorizaremos trabalhos pautados em etnografia.

Kunhun Gá j?kre: Os projetos de futuro na retomada Konhun Mág (Canela, RS)

Autoria: Clémentine, Mauricio Salvador

Em janeiro de 2020, um grupo Kaingang decidiu iniciar um processo de recuperação do seu território do qual seus antepassados foram expulsos no final do século XIX e início do século XX, sendo uma parte massacrada pelas investidas madeireiras. Foram os espíritos desses antepassados violentados no território esbulhado que, através dos kujá (lideranças políticas-espirituais) e dos seus sonhos, chamaram de volta os Kaingang para o seu território cuja aldeia se encontra dentro da FLONA de Canela (RS). Guiados pelos iangré (animais guias), os Kaingang lutam e resistem contra repetidas reintegrações de posse, perseguição política, ameaças e violências diretas de parte da instituição. Esse trabalho colaborativo entre o cacique da comunidade e a antropóloga, busca apresentar os projetos de futuro que nascem no processo de recuperação territorial, sendo esses frutos da reflexão coletiva orientada pelos saberes e ensinamentos dos kujá. Abordaremos assim a importância que as lideranças político-espirituais têm e mantêm nesse processo de construção da autonomia coletiva sendo que uma das primeiras iniciativas da comunidade de Konhun Mág foi a construção de uma casa de cura dedicada à realização de rituais de fortalecimento do povo Kaingang. Este relato etnográfico nos ajudará a entender os três conceitos chaves enraizados na política kaingang que se (re)cria em Konhun Mág: vãn, a coragem, kinhróg, a sabedoria e tár, a força como interligados com a participação dos kujá nesse processo de retomada.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

